

## **A influência do cinejornal na campanha eleitoral de Getúlio Vargas de 1950**

Daniela Rocha

Lincoln Franco

**Resumo:** Depois de permanecer por 15 anos no poder, Getúlio Vargas retorna à presidência do país em 1950, e apesar do cinejornal já ter sido extinto, o “pai dos pobres” continua a utilizar-se do cinema para propagar a importância do nacionalismo à nação, fomentando sua imagem paternalista no Estado Novo. Nosso objetivo é mensurar a conjuntura política em que se deram os fatos e a influência do cinejornal na construção da imagem do político, que é visto, até os dias de hoje pela população, como um dos melhores presidentes da história do país.

**Palavras-chave:** Getúlio Vargas, Estado Novo, cinejornal.

### **Introdução**

Em 1950, vivendo ainda um retiro em sua fazenda, em São Borja (RS), Getúlio Vargas não admitia ser candidato a presidente da República. Ele acreditava que sua candidatura nasceria do apelo da população. Apesar de não se manifestar em favor próprio, o ex-presidente também não assinalava a possibilidade de apoiar algum nome. Desta forma, inviabilizava a investida de outros possíveis candidatos e conduzia, indiretamente o processo, para que ele próprio fosse o escolhido.

Agindo desta forma, Vargas recebeu em sua fazenda uma comitiva de importantes políticos da época pedindo a sua candidatura. Aceitando o convite e lançado como candidato em junho de 1950, Getúlio fez questão de deixar bem clara a sua postura apartidária.

Se aceitava a incumbência de concorrer à chefia da nação, fazia-o apenas em nome de um compromisso direto e estrito com o povo. Não sendo sua candidatura fruto de um acordo partidário do qual tivesse participado. Vargas a apresentava como solução inevitável diante das indecisões e intransigências dos partidos, malgrado seus

esforços pela ‘conciliação nacional’. (D’ARAÚJO,1982, p. 83).

E assim foi dado o tom da campanha getulista que se seguiria em prol do Estado Novo. À questão do nacionalismo com independência econômica do país, somou-se, entre outras bandeiras como a valorização do trabalhismo, o incentivo à indústria e a solução para o problema de energia, representado pelo petróleo e pela energia elétrica. Segundo GARCIA (1982, p.44), o Estado Novo lograva assegurar a unidade da sociedade brasileira garantindo a coesão das classes dominantes e a submissão das subalternas.

Apesar de muitos políticos já saberem disso, Vargas não teve problema para conseguir aliados, já que toda sua campanha foi apoiada por políticos de destaque como o governador de São Paulo, Adhemar de Barros (PSP), o governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek (PSD), o do Rio Grande do Sul, Ernesto Dornelles (PSD) e do Rio de Janeiro, Amaral Peixoto (PSD), além do PTB, legenda que carregara e que fora construída ideologicamente para se aproximar da classe trabalhadora. Recebeu ainda outros apoios importantes como do presidente da Confederação Nacional da Indústria, Euvaldo Lodi, Assis Chateaubriand (Diários Associados) e de Ricardo Jafet (presidente do Banco do Brasil). Todos foram grandes financiadores da campanha.

Devido à decisão um pouco tardia, Vargas não teve muito tempo para percorrer o país em campanha. Assim, nos meses de agosto e setembro visitou todas as principais cidades e todos os estados brasileiros. Em seu discurso defendia a industrialização do país e a importância do comprometimento da população para com o crescimento do capital da nação, sendo que uma de suas marcas era enfatizar que não possuía acordos políticos-partidários, pois seu compromisso era com o povo e não com o partidos.

Para propagar suas bandeiras de nacionalismo e trabalhismo, utilizou-se do cinema, instrumento que trouxe para o país na década de 30. Tanto que foi em 1932 que Getúlio, então presidente há dois anos, promulga o decreto-lei de nº 21.240 que criava a obrigatoriedade da exibição de um filme nacional. Porém, o decreto só entrou em vigor dois anos depois, sendo que o cinejornal foi ao ar, pela primeira, somente em 1938. A experiência o favoreceu e Vargas retoma tal atividade, já que via no cinema um veículo propício para construir a imagem que queria para o Estado Novo. Desta forma, passou a utilizar a divulgação de documentários em salas de cinema para consolidar sua imagem construída desde os tempos em que fora presidente do país. Com os vídeos em forma de

documentários, o candidato reconstruía a história de seu próprio passado e divulgava seu programa de governo apresentados em seus comícios.

Entre os anos 10 e 70, o cinema brasileiro não teve nenhum outro momento de intensa produção de filmes históricos, embora o gênero se manifestasse esporadicamente. E sempre dentro de um leque temático restrito, baseando a história em atos e figuras ‘heróicas’, comumente apresentando uma história feita pela classe dominante, entretanto o povo como ornamento, ou para provar que a classe dominante sempre foi bondosa e voltada para os interesses populares. (...) Este interesse governamental pelos filmes históricos não é gratuito, pois o que se deseja é uma visão de história comprometida com o ocultamento da dominação. (BERNARDET; RAMOS, 1988, p. 12).

Ao apresentar uma visão única da história e de forma convincente, Vargas aos poucos construiu suas verdades, não permitindo questionamentos e ampliando suas bases de apoio popular.

Ora, entre os mais úteis fatores de instrução, que dispõe o estado moderno, inscreve- o cinema. Elemento de cultura, influenciando diretamente sobre o raciocínio e a imaginação, ele apura as qualidades de observação, aumenta os cabedais científicos e divulga o conhecimento das coisas, sem exigir o esforço e as reservas de erudição que o livro requer e os mestres, nas suas aulas, reclamam. [...] Ele [o cinema] aproximará, pela visão incisiva dos fatos, os diferentes núcleos humanos, dispersos no território vasto da República. (TOMAIM IN VARGAS, 2006, p. 4)

Mas para essa construção utilizou-se, não apenas do cinejornal, como também de comícios, folhetos, cartazes e jingles. O resultado veio nas urnas. Getúlio se elegeu com 3 milhões e 850 mil votos (48,7%). Na época, o eleitorado era de 8 milhões e 254 mil votantes. A ampla votação deu ao ex-presidente, que voltava ao poder ‘conduzido pelo povo’, legitimação para implantar suas políticas nacionalistas, apesar de não ter construído um projeto de governo, apenas diretrizes básicas. Outro resultado de seu

trabalho foi a consolidação de sua imagem enquanto ‘pai dos pobres’ e de ‘salvador da pátria’

### ***A estrutura convence***

Além do cinema chamar a atenção da população por ser um veículo de comunicação novo no país, ele também fomenta mensagens de dominação e emoção não perceptíveis aos receptores. A estrutura do veículo audiovisual, usado para propagar uma ideologia, visa manipular a população a ponto que esta defenda integralmente o que lhe foi apresentado.

Com a teoria de como propagar uma ideologia, o regime fez dessa técnica uma consciente divulgação de informações e idéias, fazendo com que a população passasse a sentir e agir de uma forma predeterminada, em que o desenvolvimento da relação causa e efeito, induzia a um comportamento já determinado.

(AMARAL, 2002, p. 2)

A filmagem, a montagem, a música e o discurso apresentados nos cinejornais que traziam os comícios, veiculados nas salas de cinema antes da exibição dos filmes, eram minuciosamente articulados para que a imagem de ‘pai dos pobres’ fosse fomentada, sendo que em todas as produções, inclusive na época em que a veiculação dos cinejornais era obrigatória e coordenada pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), Vargas estava cercado pela população que o aplaudia e gritava seu nome.

A intenção das filmagens era focalizar o presidente através da cena tomada do alto da arquibancada dando a impressão de esmagamento do líder pela massa, fazendo com que Vargas diminuísse frente aos que o aplaudiam. Outra câmera, posta no carro fazia a junção da manifestação fervorosa na arquibancada com a gesticulação da cabeça e braços de Vargas. (AMARAL, 2002, p. 8)

Esse tipo de montagem atrelava a imagem do candidato como o ‘salvador da pátria’, instigava à população a não temer o retorno de Vargas ao poder. Muito pelo contrário, a idéia era fazer com que a nação acreditasse que não havia motivos para preocupação, já que o controle econômico e político do país ia ser comandado por um

político que iria reerguer o país economicamente, gerando emprego, renda e assistência social a todos, já que a população, apenas agora, poderia desfrutar de seus direitos.

Todo aquele que trabalha e produz, seja empresário ou simples operário, está contribuindo para elevar o padrão de vida da comunidade e ampliando as necessidades de bem-estar geral. A política trabalhista é contrária à luta de classes, porque na sociedade não há classes e sim homens com os mesmos deveres e as mesmas necessidades. Propugna pela solução dos chamados antagonismos econômicos, submetendo-os aos ditames da justiça social com um sentido verdadeiramente cristão. (D'ARAÚJO IN VARGAS, 1982, p.87)

No primeiro cinejornal de campanha, veiculado nas salas de cinema nacional, mensurasse que Vargas ficara retirado em São Borja a fim de renovar suas energias devido ao desgaste adquirido com seus 15 anos de poder, iniciado em 1930. Fomenta-se ainda que o candidato ficara solitário na Estância Santos Reis, sendo que foi pego de surpresa ao ser abordado por uma comitiva, chefiada por Adhemar de Barros, enfatizando que ambos eram os políticos populistas eram os maiores nomes da época. Depois de selado pacto que decidira tornar Getúlio candidato à presidência do país, imagens do churrasco tradicionalmente gaúcho para comemorar a nova etapa de vida do político.

Em outro audiovisual de campanha, datado em 9 de agosto de 1950 às 14h25, Vargas aparece junto à comitiva seguindo para o aeroporto de Porto Alegre. Porém, antes de ingressar à excursão de sua campanha presidencial, o candidato aparece se despedindo de trabalhadores, chamados de 'peonada' no vídeo, no qual o discurso do locutor se volta para os dizeres de Vargas de que 'é preciso conhecer os pequenos para conhecer-lhes as aspirações'. Ainda é citado que estes trabalhadores são muito similares ao candidato já que este 'comeu da mesma comida e viveu a mesma vida'. Vale ressaltar que a música utilizada na produção cinematográfica carrega sonoridade nacionalista.

Já em seu primeiro comício no Rio de Janeiro no estádio Vasco da Gama, Vargas aparece acenando para a multidão que o recebe com delírio. Depois dos cumprimentos aos cariocas, o candidato agradece a manifestação carinhosa da

população e, em seguida, são os políticos que os apóiam que expressam seu discurso. Entre eles, está o governador de São Paulo, Adhemar de Barros, que se intitula como o líder dos políticos em prol da candidatura Vargas. Enquanto isso, Getúlio aparece acenando uma bandeira do Brasil. Vale fomentar aqui que este cinejornal fora iniciado com as palavras 'Ele voltará...?'.

Já no audiovisual do comício na capital mineira, o vídeo apresenta o candidato chegando ao aeroporto da cidade. O locutor declara que a multidão segue em direção ao avião a fim de ficar mais próxima do candidato, apesar da imagem não aparentar que as pessoas ali presentes faziam parte da grande massa mineira. Nesse momento há um corte de imagem que apresenta a multidão amontoadada, mensurando-se no cinejornal que aquela recepção era a maior manifestação recebida pelo povo mineiro. Já em seu discurso, o locutor afirma que as mais de 100 mil pessoas presentes interrompiam ou abafavam o discurso de Vargas, gritando o seu nome. Apesar disso, é apresentado que naquele momento o candidato respondia a críticas e ataques da oposição, como também analisava e prometia soluções econômicas e de progresso para a capital mineira. O locutor ainda relata que Vargas se mostrava num misto de alegria e emoção, graças ao calor das manifestações que patenteada seu prestígio junto àquele povo.

No comício feito em Governador Valadares, Minas Gerais, o locutor aponta que a multidão ali presente era formada por jovens, crianças, mulheres, homens e velhos, sendo que por onde a caravana passava a população ia ao delírio. Mais uma vez é mensurado que o discurso de Vargas é abafado pelo calor da multidão que gritava 'Queremos Vargas'. No mesmo audiovisual, Vargas aparece discursando em Uberlândia e Goiânia, sendo que neste último o candidato dirige suas palavras ao proletariado e as soluções para o progresso da cidade. Já em Uberlândia, o locutor comenta que a recepção foi similar as demais cidades mineiras, sendo que o delírio da população era contagiante. Mais uma vez, como em todos os vídeos, existem cortes de imagens que fomentam que toda a multidão apresentada, estava presente nos locais de comício, sempre acenando e gritando o nome do candidato.

No comício de Cuiabá e Campo Grande, o locutor afirma que a multidão compacta e entusiasta alegre Vargas que discursa em um palanque improvisado. Mais uma vez é abordado que as palavras do candidato são interrompidas frente à calorosa recepção da multidão. Apesar disso, Getúlio aponta alguns pontos de seu programa de governo, sempre visando o progresso das cidades por onde passara.

Já no cinejornal do comício de Vargas em Porto Alegre, o locutor mensura que nem os políticos da comitiva do candidato esperavam tamanha recepção dos gaúchos. Avaliam como prova do tributo à Vargas e Adhemar. Nesse momento, a imagem das ruas é cortada e entra uma imagem filmada provavelmente da parte superior de algum prédio, já que o carro que carregava Getúlio é filmado de cima para mostrar o grande número de pessoas prestigiando o candidato. O locutor compara o feito a um navio em alto mar, já que descreve que o carro é rebocado por uma onda humana. Ainda é citado no vídeo que aquela era a maior demonstração de que Vargas reside no coração dos gaúchos. Vale salientar que as frases que concluem o discurso do audiovisual, relatadas pelo locutor, afirmam que Getúlio segue sua ‘triumfante excursão com a certeza de que a inabalável decisão do povo do Norte e Sul o reconduzirá ao Catete’.

No comício apresentado em São Paulo, o locutor comenta que Vargas foi o primeiro candidato à presidência a falar para os paulistas e notando a recepção estimada em 300 mil pessoas, o candidato mostrava um misto de alegria e emoção, como também se sentia confortado com o reconhecimento dos paulistas pela espetacular obra social feita pelo candidato na década de 30. Mais uma vez é mensurado que o ‘magnífico’ discurso do candidato é interrompido pelos gritos da multidão: ‘Getúlio, Getúlio, Getúlio’. Vale ressaltar que somente nesse cinejornal é mensurado que o candidato fez questão de enfatizar que ‘sua candidatura não nasceu de conchavos políticos, mas emergiu da vontade soberana do povo, por isso ela há de triunfar para o bem do povo brasileiro, para a grandeza do Brasil’.

### ***Apartidarismo, nacionalismo e trabalhismo. Até que ponto?***

Deixar transparecer à população brasileira que não possuía vínculos partidários, pois sua única preocupação era com o crescimento do país, a implantação da cidadania e a valorização dos direitos trabalhistas e sociais, com certeza era a melhor estratégia para o atual momento econômico e político que país passara. Com o término da Segunda Guerra Mundial, o Brasil tinha a oportunidade de impor alguns limites ao capital estrangeiro, a fim de estruturar o desenvolvimento econômico interno, um dos principais impasses para a industrialização do país. Mas para isso, a população deveria acreditar que a melhor saída para a nação era investir através de sua mão-de-obra, gerando assim, capital suficiente para que a independência estrangeira fosse alcançada.

Assim, surge o Estado Novo caracterizado pela expansão do modo capitalista de produção, com suas derivações políticas e econômicas.

O Estado Novo constitui um momento político em que se retomou o processo iniciado com a revolução de 30[...]. As reformas se fizeram sob a direção do estado que, com seus aparelhos reestruturados, atuava através de controles administrativos, permitindo assim envolver os diversos setores da sociedade em um novo sistema de relações, num processo de mobilização econômica e desmobilização política.(GARCIA, 1982, p.41)

Assim, as bandeiras do nacionalismo e do trabalhismo serviram apenas para maquiar a desmobilização política. Mas afinal, como a população não percebeu tal articulação?

Através de seu discurso sobre o programa de governo, Vargas fomentava que somente a população unida, para adquirir capital, poderia gerar o crescimento do país, e assim melhorar a renda e a vida de todos os brasileiros. Como prova de sua ‘boa vontade’, e claro, para evitar articulações coletivas de cunho comunista, Getúlio incita que os trabalhadores do país devem formar seus sindicatos para defender seus direitos, sendo que a ele fica a responsabilidade de definir se as decisões serão tomadas ou não. Assim, apesar dos trabalhadores julgarem ter adquirido um direito para criar um órgão regulador, sem a autonomia devida, ele nada mais se torna do que mero organismo do Estado.

Muitos patriotas, até hoje, comentam que Vargas foi um dos melhores presidentes já tidos no Brasil, graças à criação do salário mínimo, junto a seus reajustes, direito a férias, etc, porém, todos os ‘benefícios’ aos trabalhadores eram financiados por eles mesmos, já que a geração de renda aumentara, mas não era repassada aos trabalhadores, e sim gerenciada pelo ‘salvador da pátria’.

O trabalhismo getulista retém, portanto, a idéia de que todos devem participar da construção da nação, podendo fazê-lo através de uma relação cujo o referencial seja o interesse de toda a comunidade.[...] A soma dos esforços individuais redundaria num produto social do

qual cada um poderia usufruir conforme suas necessidades. (D'ARAÚJO, 1982, p. 87)

Desta forma, o Estado Novo assegurava atender as necessidades da população, porém essa deveria se comprometer com a geração de capital que alavancaria a nação, sendo que somente desta maneira os brasileiros teriam seus direitos sociais garantidos. Podemos definir então, que os brasileiros eram responsabilizados pela boa atuação ou não da política social atrelada à cidadania do país, que era encarada por Vargas como a garantia legal da existência de organizações sindicais e como direitos e deveres trabalhistas devidamente regulamentados em leis, já que somente com o desenvolvimento econômico seria possível elevar o nível de vida dos trabalhadores.

A assistência social é o outro lado da moeda da cidadania pensada por Vargas. Sem ela, todos ficam proscritos e submetidos ao arbítrio e ao desamparo. Certamente, essa visão do Estado tem uma conotação paternalista e autoritária, já que a ele cabe distribuir os benefícios a que o indivíduo tem direito. (D'ARAÚJO, 1982, p. 91)

Quanto ao apartidarismo, essa era uma estratégia de Getúlio para obter maior habilidade para articular acordos partidários e conquistar maior aceitabilidade da população. Apesar do discurso, já explicitamos aqui que toda a campanha de Vargas foi arquitetada por um jogo político.

### ***Conclusões finais***

Não há o que se questionar quanto à habilidade de Getúlio Vargas em interpelar as massas. Tanto que o então 'ex-ditador' consegue retornar ao poder com grande aceitabilidade da população brasileira. Porém, boa parte de suas estratégias políticas não surtiram efeito no decorrer de seu mandato. Prova disso, foi seu suicídio em agosto de 1954. Ainda assim, vale salientar que suas estratégias eleitorais foram bem aplicadas e atingiram o resultado esperado, tanto que com apenas dois meses de campanha, Vargas chegou a marca de quase 50% dos votos.

Vale ressaltar que apesar de Vargas ter pretendido e conseguido aniquilar a imagem de ditador adquirida nas décadas de 30 e 40, o programa de governo do político

possuía poucas mudanças em comparação as idéias implantadas no país em seus 15 anos de governo. A censura explícita não foi colocada em prática desta vez, mas indiretamente fica claro que a ditadura se manteve até o dia de seu suicídio. A população continuou a não ter direitos políticos e ainda foi responsabilizada pelo futuro do país, já que a nação precisava da união dos brasileiros em prol do crescimento nacional.

É evidente que o cinejornal de seus comícios, sempre veiculado antes da exibição dos filmes nas salas de cinema, fomentou bastante essa construção ideológica do candidato, que até hoje, é lembrado pela população como o ‘pai dos pobres’.

É importante salientar que em todos os cinejornais analisados para a produção desse artigo, conseguimos notar que a todo instante fomentava-se o apelo popular pelo retorno de Getúlio. Sendo que nos discursos dos audiovisuais sempre fora enfatizado a emoção e gratidão do candidato frente a sua aceitabilidade pelas massas. A música dos cinejornais também marca muito, pois instigam o nacionalismo e a importância do Brasil crescer economicamente, tornando-se uma grande nação, e porque não a melhor nação para se viver.

## ***Referências***

AMARAL, Karla Cristina de Castro. **Getúlio Vargas – o criador de ilusões**. Trabalho apresentado no XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05 de setembro de 2002.

BERNARDET, Jean-Claude; RAMOS, Alcides Freire. **Cinema e história do Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto, 1988.

D’ARAÚJO, Maria Celina Soares. **O segundo governo Vargas 1951-1954**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GARCIA, Nelson Jahr. **Estado Novo: ideologia e propaganda política**. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

REGO, Francisco Gaudêncio Torquato do. **Marketing político e governamental: um roteiro para campanhas políticas e estratégias de comunicação**. São Paulo: Summus, 1985.

TOMAIM, Cássio dos Santos. **O Cine Jornal Brasileiro do DIP, como Getúlio Vargas “adotou” o cinema.** Trabalho apresentado no Intercom Sudeste 2006, Ribeirão Preto/Sp, 22 e 24 de maio.